



ESTRUTURA DA COMUNIDADE VEGETAL DE UMA ÁREA DE FORMAÇÃO SAVÂNICA PERTURBADA, NO MUNICÍPIO DE VÁRZEA GRANDE, MATO GROSSO.

Rodrigo Ferreira de Moraes - Instituto de Biociências, Departamento de Botânica, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Av 24 A, Rio Claro, SP, Brasil - romoraisbio@hotmail.com

José Aparecido Macedo - Centro Universitário UNIVAG - morais_rf@yahoo.com.br

Evaldo Benedito de Souza - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - evaldobsouza@yahoo.com.br

Mariana Regina Leme Metelo - Centro Universitário UNIVAG - mary.mello@gmail.com

INTRODUÇÃO

O bioma Cerrado está inserido principalmente no planalto central e ocupa 21% do território nacional. É a segunda maior formação vegetacional brasileira e a savana tropical mais rica do mundo em biodiversidade. Para Ribeiro e Walter (1998), as principais formações vegetacionais do cerrado são: florestas (mata ciliar, mata de galeria, mata seca e cerradão), savânicas (cerrado sensu stricto, parque de cerrado, palmeiral e vereda) e as campestres (campo sujo, campo rupestre e campo limpo). A grande heterogeneidade é determinada por aspectos topográficos, edáficos, latitudinais, queimadas e fatores antrópicos (Ratter e Dargie, 1992). Estudos como objetivo de conhecer a estrutura e composição vegetacional nas áreas em regeneração natural, bem como aspectos biológicos que influenciam nessa estrutura e composição e de identificação das espécies facilitadoras do processo sucessional são importantes trabalhos de recuperação de áreas degradadas (Oliveira e Felfili, 2005).

OBJETIVOS

Este trabalho teve como objetivo realizar o levantamento florístico e estudo da estrutura da comunidade vegetal de uma área em regeneração após perturbação por pastagem no município de Várzea Grande, Mato Grosso.

MATERIAL E MÉTODOS

A área de estudo localiza-se no campus do Centro Universitário UNIVAG, localizado no município de Várzea Grande, Estado de Mato Grosso, na coordenadas 15°38'25"S e 56°05'45"O. A florística foi realizada por meio de caminhada aleatória entre dezembro de 2010 e novembro de 2011 com intervalos de 10 dias. A identificação foi realizada com o auxílio de literatura especializada, consultas aos especialistas e comparações com a coleção do Herbário da Universidade Federal de Mato Grosso. O sistema de classificação utilizado foi o APG III. Para análise fitossociológica foram demarcadas 50 parcelas de 10x15m. Todos os indivíduos com PAP (perímetro à altura do solo) ≥ 10 cm foi aferido sua circunferência e estimadas suas alturas. Os parâmetros fitossociológicos utilizados foram densidade e frequência (absoluta e relativa) e índice de valor de importância. Foram calculados os índices de diversidade de Shannon e a equabilidade de Pielou.

RESULTADOS

No levantamento florístico foram coletadas 177 espécies pertencentes à 54 famílias. As famílias mais ricas foram Fabaceae (32), Malvaceae (15), Rubiaceae (7) Apocynaceae, Myrtaceae e Sapindaceae (6), Annonaceae, Asteraceae, Convolvulaceae, Euphorbiaceae, Malpighiaceae, Melastomataceae, Solanaceae e Vochysiaceae (5) e 21 famílias apresentaram uma espécie. As famílias com maior abundância foram Fabaceae (253), Sapindaceae (76), Urticaceae (66) e Anacardiaceae (63). As famílias com maior número de espécies foram Fabaceae (13), Sapindaceae (4), Vochysiaceae, Rubiaceae e Malvaceae (3 espécies cada). O hábito arbustivo apresentou 23 famílias e as com maior número de espécies foram Fabaceae (12), Malvaceae (6), Annonaceae (5), Rubiaceae (4). As demais apresentaram 1 ou 2 espécies. No hábito arbóreo ocorreram 27 famílias e as que apresentaram maior riqueza foram Fabaceae (12), Vochysiaceae (5), Sapindaceae (4), Malvaceae e Bignoniaceae (3 cada). As demais famílias com 1 ou 2 espécies. No hábito herbáceo foram coletados 21 famílias e as com maior número de espécie foram Melastomataceae (4), Euphorbiaceae, Verbenaceae e Cyperaceae (3 cada). As 17 famílias restantes apresentaram 1 ou 2 espécies. O hábito subarbustivo foi representado por quatro famílias e Malvaceae foi a mais rica com 3 espécie. As demais famílias com uma espécie. Nas parcelas encontrou-se 819 indivíduos, 68 espécies e 32 famílias. A densidade foi de 1092 ind./ha O índice de diversidade de Shannon foi 3,61 e equabilidade 0,85. As espécies mais abundantes foram *Cecropia pachystachya* (66), *Leucaena leucocephala* (59) e *Astronium fraxinifolium* (55). A espécie *L. Leucocephala*, apesar de ter o segundo maior valor de DR, obteve o menor valor de FR (1,4) reduzindo o IVI. Para Curatela americana o IVI foi influenciado pelo alto valor de FR. Apesar do baixo valor de FR para *C. pachystachya*, esta obteve o maior valor de DR, influenciando seu alto valor de IVI. A distribuição dos intervalos de PAS apresentou o modelo de J invertido. 65% dos indivíduos apresentaram PAS entre 10 e 20cm, 25% entre 20 e 40cm e 11% apresentaram o PAS acima de 40cm. Para os intervalos de altura 28% dos indivíduos apresentaram valores entre 0 e 2m, 38% entre 2 e 4m, e 17% entre 4 e 6m. Intervalos acima de 6m representaram 16% dos indivíduos.

DISCUSSÃO

Em levantamento em três áreas em cerrado realizado Santo e Vieira (2005), com diferentes níveis de perturbação, encontraram 63 espécies distribuídas em 32 famílias. Medeiros *et al.* (2007) encontrou 67 espécies e 33 famílias. Neste trabalho, os altos valores de riqueza podem ter sido influenciados pela amostragem de todos os estratos no levantamento florístico. Levantamentos realizados em áreas de cerrada apontam a família Fabaceae como a mais rica, tanto para áreas conservadas quanto para áreas alteradas (Felfili *et al.*, 2002; Borges e Shepherd, 2005). De acordo Carvalho e Marques (2009) as espécies *Qualea parviflora*, *Eryroxylum suberosum* e *Davilla eliptica*, foram consideradas de estágio climax, *Hymenaea stigonocarpa* e *Qualea Grandiflora* de estágio tardio/clímax e *Dimorfandra mollis* e *Qualea multiflora* de estágio pioneiro e foi comum com esta pesquisa. Também comum com este trabalho Araujo *et al.* (2005), indica as espécies *Casearia sylvestris*, *Trema micrantha* (pioneiras), *Copaifera longsdorfii*, *Platipodium elegans* e *Zantoxylum rhoifolium* como secundárias tardias. A distribuição das classes diamétricas apresentam uma tendência de “J invertido” indicando que a comunidade estudada está em equilíbrio, com taxas constantes de mortalidade e recrutamento, e com alto potencial regenerativo caso não seja intensivamente perturbada (Assunção e Felfili, 2004). O padrão encontrado neste trabalho indica predominância de árvores de pequeno porte, condizente com o estágio secundário de sucessão.

CONCLUSÃO

O levantamento florístico e estudo estrutura da comunidade vegetal contribuíram para o registro da diversidade vegetal e forneceu informações sobre a comunidade vegetal em área degradada por pastagem. O levantamento florístico de todos os estratos, são importantes, pois compreende um maior conhecimento da diversidade, um entendimento do processo de sucessão em áreas perturbadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, F. S. *et al.* Florística da vegetação arbustivo-arbórea colonizadora de uma área degradada por mineração de caulim, em Brás Pires, MG. *Revista Árvore*, Viçosa, v.29, n.6, p. 983-992, 2005.

ASSUNÇÃO, S. L.; FELFILI, J. M. Fitossociologia de um fragmento de cerrado sensu stricto na APA do Paranoá, DF, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana, v. 18, n. 4, p. 903-909, 2004.

BORGES, H. B. N.; SHEPHERD, G. J. Flora e estrutura do estrato lenhoso numa comunidade de Cerrado em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 61-74, 2005.

FELFILI, J. M. *et al.* Composição florística e fitossociologia do Cerrado sentido estrito no município de Água Boa-MT. *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana, v. 16, n. 1, p. 103-112, 2002.

OLIVEIRA, E. C. L.; FELFILI, J. M. Estrutura e dinâmica da regeneração natural de uma mata de galeria no Distrito Federal, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana, v. 19, n. 4, p. 801-811. 2005.

RATTER, J. T.; DARGIE, C. D. An analysis of the floristic composition of 26 cerrado areas in Brazil. *Edinburg Journal of Botany*, Edinburg, v. 49, n. 2, p. 235-250, 1992.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. Fitofisionomias do bioma cerrado. In: SANO, S.; ALMEIDA, S. P. (Eds.). *Cerrado: ambiente e flora*. Planaltina: Embrapa, p. 89-166, 1998.

SANTOS, R. M.; VIEIRA, F. A. Análise estrutural do componente arbóreo de três áreas de cerrado em diferentes estádios de conservação no município de Três Marias, Minas Gerais, Brasil. *Cerne*, Lavras, v. 11, n. 4, p. 399-408, 2005.